



11 de junho de 1997

diplomacia

abertura

editorias

política/brasil

a semana

comportamento

economia & negócios

internacional

artes & espetáculos

ciência & tecnologia

seções

entrevista

imagem da semana

estação da luz - links

século 21

gente

opinião

editorial

datas

cartas

serviços

arquivo

assine ISTOÉ

expediente

fale com a gente

## Selva verde-oliva

*Militares e diplomatas brasileiros criticam tropa dos EUA formada para "defender a floresta amazônica"*

**HÉLIO CONTREIRAS E OSMAR FREITAS JR., DE NOVA YORK**

A notícia caiu como uma bomba nos círculos militares e diplomáticos brasileiros. Na quarta-feira 4, a tenente da Marinha americana Jane Campbell, porta-voz do Comando Sul dos EUA, sediado no Panamá, anunciou que Tio Sam já tem pronta uma força de elite para "guardar a floresta amazônica", denominada Grupo Verde. "O envio de tropa estrangeira para a Amazônia com a finalidade de proteger a floresta seria uma violação da nossa soberania. A Amazônia, como território brasileiro, tem que ser devidamente respeitada por estrangeiros", declarou a ISTOÉ o brigadeiro Sérgio Xavier Ferolla, ministro do Superior Tribunal Militar e um dos líderes da corrente nacionalista nas Forças Armadas. "A floresta amazônica está sendo preservada pelo Brasil e não necessitamos de ajuda militar para essa preservação", acrescentou Ferolla.

O assunto da chamada tropa verde, na verdade, não é novo. Fontes do governo dos EUA dizem que a formação desses soldados começou há quatro anos e já foi motivo de conversa entre militares brasileiros e americanos. "Nós concordamos em conversar sobre essas tropas. Mas sempre mantendo que o Brasil não admite presença militar estrangeira guardando seu território. Essa tropa ecológica poderia até ser recebida como convidada. Mas o Brasil continua afirmando que não precisa ser ensinado sobre como proteger suas riquezas e interesses", disse a ISTOÉ uma fonte do Itamaraty. Oficialmente, entretanto, a reação do governo brasileiro foi bem mais amena: "Não acho que essas tenham sido as palavras exatas do subsecretário Timothy Wirth", declarou em Washington o embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima. "No entanto, o Brasil continua com sua posição de que não necessita de tutela na preservação de seu território."

O ânimo do Comando Sul pela tropa verde foi esvaziado já no dia seguinte ao anúncio oficial. Procurada por ISTOÉ, a tenente Campbell informou que não poderia dar declarações. "Este é um assunto do Departamento de Estado. Minhas

ISTO É  
11/6/97  
93

ordens são para dirigir os interessados nesse assunto para o subsecretário Timothy Wirth", desconversou. Perguntada sobre a possibilidade de uma visita aos campos de treinamento dessa tropa, a porta-voz do Comando Sul foi evasiva: "Mande um requerimento, vou ver o que se pode fazer. Tenho que consultar o comando que ainda não mudou completamente do Panamá para Miami. Em todo caso, acho difícil que possa ser conseguido."

O mais estranho é que vários correspondentes de publicações latino-americanas, inclusive brasileiras, já fizeram a visita no ano passado, sob a condição de que o assunto não fosse publicado. O subsecretário Wirth estava participando de uma reunião em Miami. Procurado por ISTOÉ, sua secretária disse que iria falar sobre o assunto com a revista, mas Wirth não cumpriu o prometido.

Não resta dúvida de que os militares americanos estão muito interessados em obter informações de caráter estratégico sobre a Amazônia. Esse interesse está, inclusive, documentado. Em um desses papéis, com o carimbo "segredo", um general americano defende a cooperação mais intensa na região e sugere a criação de uma escola interamericana na região. A proposta foi recusada pelo governo brasileiro

Tentativas também foram feitas pela Marinha dos EUA para a realização de exercícios conjuntos na Amazônia. Um oficial brasileiro impediu que fosse tirada a cópia de um documento no qual a proposta é feita. O documento estava em sua mesa na sexta-feira 6, no Rio de Janeiro. Mas o almirante Hernani Fortuna, da Escola de Guerra Naval, confirma a sugestão: "O almirante Kelso, ex-comandante de Operações Navais dos EUA, nos fez essa proposta. Expliquei a ele que a operação conjunta não seria conveniente na Amazônia."

Mas o que provocou maior irritação nos militares brasileiros foi o texto assinado pelo presidente Bill Clinton, com previsão sobre o uso das Forças Armadas americanas em 1995/1996 e renovado para o atual período. Nele, Clinton endossa a estratégia de que "a Força Aérea deve estar preparada para intervir em qualquer parte do mundo em que os EUA têm interesses". Com base nesse documento, o brigadeiro Murilo Santos, presidente do Conselho Deliberativo do Clube da Aeronáutica, acusa os EUA de quererem ser o xerife do planeta. Segundo essa análise, por ser a única região em que os americanos ainda não fizeram demonstrações de poder, a Amazônia é considerada objeto de seus interesses futuros.

E não é só. Já foi dito em diversas publicações e em declarações de autoridades do governo americano que o

Isto é  
11/6/97  
93

Pentágono teve a idéia de fazer os chamados "Parques Nacionais". Seriam áreas de floresta, principalmente na Amazônia, onde uma força internacional cuidaria da preservação e da integridade do território. Um primeiro parque seria numa área de fronteira entre Venezuela e Colômbia e que está sob litígio. "O problema é que essa mesma área é riquíssima em petróleo", diz uma fonte diplomática. Outro parque estaria localizado no Brasil. "Existem planos confidenciais para possíveis instalações de oito parques florestais guardados por forças internacionais. Pelo menos um deles fica na Amazônia", garantiu a ISTOÉ uma fonte do Pentágono.

assinine **ISTOÉ** já